



NOSSAS DIMENSÕES PARA A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE

Francisco Ruas Santos

NOVAS DIMENSÕES DA HISTÓRIA MILITAR NOS EUA

Nossas e novas dimensões não constitui, como pretendemos demonstrar, apenas um jogo de palavras sendo, antes de tudo, o prosseguimento de um estudo antigo, de pelo menos 37 anos, entre nós.¹

Nos Estados Unidos, do início da guerra fria até os dias de hoje, as perplexidades diante da Guerra, muito em especial nos meios civis universitários, têm gerado uma série de estudos sob o título ou apelido motivador de "novas dimensões da História Militar". Amostra-

gem muito interessante disso temos no livro que, sob a coordenação de Russel F. Weigley, lá foi publicado. É uma antologia ou seleção de estudos feitos em estabelecimentos de ensino do Exército, na última década, sob a responsabilidade de historiadores civis e militares.

A mola mestra dessas novas dimensões parece estar no seguinte trecho de Weigley:

... "os analistas de sistemas e seus computadores, quando foram regimento instalados, no próprio Departamento de Defesa, pelo Secretário Robert. S. McNamara, prometeram com alarde, resultados rápidos e satisfatórios, a um custo razoável, para uma intervenção militar americana na Indochina. Essa infeliz experiência da Indochina

1 - Lembramo-nos das preocupações do Marechal Tristão de Alencar Araripe, que ele tornou públicas em várias oportunidades e que, por isso, merece especial homenagem do Exército e dos estudiosos de História Militar.

(*guerra do Vietnã*) é uma daquelas nas quais a História poderia propiciar uma orientação mais valiosa, pois, as falhas americanas tiveram suas raízes na falta de sentimento histórico das diferenças entre a cultura americana e uma outra cultura muito diferente e historicamente muito condicionada."²

De fato, a guerra do Vietnã, em nossos dias, nada mais é do que um capítulo atual de uma guerra duas vezes milenar que assola a Indochina. Cem anos ou meio século de trégua, intervenção ou não da China, essa guerra é, antes de tudo uma "questão doméstica" entre os povos indochineses, cuja colocação agora é "vermelha" (Khmer vermelho), mas já teve outras colocações... Além disso, se as armas nucleares não iriam ser empregadas, estavam os norte-americanos diante de uma guerra convencional, inclusive com guerrilha, ou guerra do povo, na qual o adversário deste só vence por exceção.

A guerra nuclear efetiva nasceu em 1945. Mas já temos quase quatro décadas de guerra convencional, temperada de guerrilha e terrorismo. Essa realidade, e os anseios mundiais para que não se altere, e regrida até um desarmamento efetivo, constitui, portanto,

2 - Em *Novas dimensões da História Militar*, tradução do General Octavio Alves Velho, edição da Biblioteca do Exército, 1981, dois volumes. No seu prefácio salientamos que foi uma publicação oportuníssima empreendida pela Bibliex e que deve ser antologia "de leitura obrigatória e permanente para atualização ou ampliação da cultura profissional militar". As citações de Weigley acham-se no 1º volume, pág. 20.

a diretriz para que repensemos as questões de História Militar. Inclusive para que esta dê sua contribuição à solução do problema da Paz.

Outro ensinamento que decorre da experiência norte-americana é que, no Brasil e em outra qualquer parte do Mundo, não podemos "oscilar" como um "pêndulo, entre a *dissuasão limitada* e a *dissuasão infinita* ou entre conceitos idênticos a esses, com outras denominações"³. *Temos que estudar a guerra nuclear e todas as demais formas de guerra, muito em especial a convencional e seus temperos*. Conseqüentemente com esse ponto de vista, as novas dimensões da História Militar, com validade mundial, são as mesmas atribuídas pelos estudiosos norte-americanos e evidenciadas na antologia de Weigley.

Logo, as *novas* são também as *nossas dimensões*.

Até aí a igualdade ou analogia cômodas.

Mas, lançada essa concepção harmônica, no caso brasileiro vai ter que *ajustar-se à nossa realidade cultural militar terrestre*, com um leque de variações e diferenças.

NOSSAS DIMENSÕES PARA A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE

Seu ponto de partida está na Diretriz do Estado-Maior do Exército para as atividades do Exército no campo da História⁴. Dela des-

3 - Weigley, *ob. cit.*, 1º volume, pág. 19.

4 - Aprovada pela Portaria 073, de 20 Out 1982.

tacamos os seguintes pontos de interesse deste artigo:

"2 — Objetivos

As atividades do Exército no campo da História têm os seguintes objetivos:

a. contribuir para a formulação e desenvolvimento da doutrina da Força Terrestre;

b. proporcionar subsídios para a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa;

c. apoiar as tarefas de comunicação social no fortalecimento do moral e do espírito de corpo no Exército;

d. contribuir para o perfeito entendimento do papel desempenhado pelo Exército ao longo da vida nacional;

e. preservar e divulgar o patrimônio histórico-cultural do Exército e suas tradições;

f. apoiar, no tocante às informações biblioteconômicas, arquivísticas e museológicas, a produção cultural, inclusive a destinada aos meios de comunicação social, de acordo com os interesses do Exército."...

"4 — Atividades referentes à doutrina da Força Terrestre

a. Os estudos históricos para a formulação e o desenvolvimento da doutrina da Força Terrestre serão prioritários e poderão servir de base para a execução das seguintes tarefas:

1) organização e preparação da Força Terrestre;

2) planejamento e emprego da Força Terrestre;

3) condução de operações militares;

4) entendimento do homem brasileiro;

5) chefia e liderança;

7) ...

8) avaliação da influência do meio geográfico sobre as operações militares."

Podemos ficar tranqüilos, confiantes e satisfeitos quanto à objetividade dessa orientação superior, cujo êxito passa a depender da *continuidade* em sua observância, com recursos adequados (p. ex., verbas permanentes para a pesquisa e o processamento de dados).

Resta, porém, ajustá-la permanentemente à realidade quanto ao emprego da Força Terrestre, a partir de agora e a longo prazo, o que é tarefa das atuais e futuras gerações.

Nossa contribuição no sentido desse ajustamento indispensável decorre dos nossos objetivos nacionais e, especialmente, do nosso *destino nacional*.

O Brasil, devido a uma série de fatores sobejamente conhecidos, já ocupa um lugar proeminente na sociedade das nações e temos de pensar que esse destaque crescente vai exigir de nós responsabilidades crescentes em futuro não distante. Distanciamos-nos, cada vez mais, de uma *posição exclusivamente americana* ou *atlântica*, tal a do período colonial ou do século XIX, para uma *posição mundial*.

Conseqüentemente, *aumentam as dimensões da nossa História Militar, muito em especial quanto à História Militar Geral ou Mundial.*

Neste século já tivemos alguns prenúncios da evolução da posição ou do destino nacional do Brasil, e são evidências dos seus reflexos no campo da História Militar: a guerra mundial 1914-18, durante a qual militares de terra dela participaram na Europa, inclusive voluntários, da reserva, em atuação praticamente ainda ignorada; a campanha da Itália 1944-45, cujo complexo ainda está sendo estudado; e a participação do Exército em forças internacionais de paz, 1956 e 1967.

Quanto à experiência de 1956, a da crise de Suez, fomos testemunhas do nosso despreparo quanto à História e à Geografia Militar para apoiar convenientemente o elemento empregado. Decidida a participação do Brasil na força da ONU na área de Suez, a seção de Geografia e História Militar do Estado-Maior do Exército, muito absorvida com a História e Geografia da América do Sul, praticamente não dispunha de documentação e subsídios para atender ao que hoje objetivamente diz o E.M.E.:

"1) organização e preparação da Força Terrestre;

2) planejamento e emprego da Força Terrestre" e, eventualmente,

"3) condução de operações militares", em força, acrescentamos.

Esse exemplo negativo não pode mais ocorrer, se perseverarmos no cumprimento da objetiva e oportuna diretriz do E.M.E.

Quanto a outro dos pontos do excelente esquema do E.M.E. para a pesquisa pura e aplicada de Geografia e História Militar, o *entendimento do homem brasileiro*, re-

portamo-nos ao que aconteceu com a FEB. Não bastava um conhecimento superficial ou parcial. No meu caso, por exemplo, tinha uma idéia geral do *combatente mineiro* e parcial do *homem paraibano*, o que era bastante insuficiente para um comandante de subunidade de infantaria. Levamos homens recrutados em áreas de cultura alemã e nazista do Sul, em processo de nacionalização através do Exército. Lembro-me de que pelo menos um desertou na Itália e deu ao inimigo boas informações sobre posição da 1ª D.I.E.

Quanto ao meio geográfico e sua influência sobre as operações militares, tenho a impressão de que somos bastante carentes ainda, justificando-se um esforço redobrado para nossa atualização, sobretudo no que diz respeito a possíveis áreas de intervenção brasileira em missões de paz.

O UNIVERSO DAS INFORMAÇÕES HISTÓRICO-MILITARES SEGUNDO AS NOSSAS DIMENSÕES PARA A HISTÓRIA MILITAR

Definidas as nossas dimensões para a História Militar, aí incluída a Geografia Histórico-Militar, com apoio e extensão na Geografia, especialmente a Física e a Humana, podemos delimitar os campos de aplicação da Diretriz do E.M.E., base para o *levantamento das informações necessárias* quanto àquelas disciplinas.

Vamos fazer isso a partir da seguinte "idéia de manobra":

— aprofundando sempre nosso conhecimento da História Militar do Brasil, desenvolver simultaneamente um esforço no sentido do domínio das informações da História Militar Mundial ou Geral;

— apoiar essas ações num conhecimento objetivo e firme da Geografia Militar.

Muitos leitores podem estar naturalmente pensando: Mas não estamos fazendo assim ou de maneira equivalente?

A História Militar da Antiguidade, com gregos, peras e romanos, a da Idade Média, com os mongóis, a da Idade Moderna, com Frederico II, a da Revolução Francesa, com Carnot e Napoleão, a guerra da Secessão, as duas guerras mundiais têm sido uma constante nos currículos de História Militar, pelo menos nas últimas seis décadas. Quase tudo isso está nos livros-textos do mestre admirável que foi Cordolino de Azevedo.

Entre 1958 e 1963, toda essa historiografia foi desenvolvida numa coleção de livros-textos na AMAN.

Isto apenas para exemplificar, pois seria demasiado longo enumerar a produção de História Militar Geral em nossas escolas, durante esse longo período.

Preocupado em levantar terminologia que servisse de subsídio à elaboração do glossário⁵ previsto pela já citada Diretriz do E.M.E., *estruturei todas essas informações* sob a forma de tabela de tesouro e a comparei com outras estruturas. Verifiquei o quanto a nossa tabela estava desatualizada. Em

termos quantitativos, enquanto aquela compreendia cerca de sessenta laudas, uma outra, à base de historiografia principalmente anglo-saxônica atualizada, *era cinco vezes maior*.

Uma das razões para essa enorme e impressionante diferença está em que a historiografia utilizada entre nós, nas últimas seis décadas, *é predominantemente francesa*, e leoninamente dedicada a Napoleão.

Ora, o Grande Corso foi um dos maiores, se o maior tático da Humanidade, mas um tremendo fracasso como estrategista nacional-militar. Todavia, as duas coisas são difundidas e, assim, há um superdimensionamento do estudo de Napoleão, "inchando" indevidamente os textos didáticos de História Militar.

Para que isso fique bem documentado e possamos também estender o nosso raciocínio quanto às nossas e às novas dimensões da História Militar, organizamos uma tabela (página seguinte).

Hitler faz companhia a Napoleão como fracasso estratégico. Quanto a Alexandre, faleceu prematuramente e a seu favor tem o fato de suas conquistas terem per-

5 — Elaborado sob a forma de tesouro, dentro do *Projeto Thesaurus* da Biblioteca do Exército, na atual gestão do Coronel Aldílio Sarmiento Xavier, já por antecipação do que estaria previsto na Diretriz de 1982, do E.M.E., citada. Contém cerca de 60.000 termos de Doutrina Militar básica (inclusive de Segurança Nacional, da ESG), História Militar do Brasil e História Militar Geral. É um instrumento de indexação e recuperação de informações desses campos, bem como estrutura de um manual de estudos daqueles assuntos.

Duração de Alguns Impérios (aproximadamente)

Império	Área	Período de duração
De Alexandre	Mediterrâneo—Oriente Médio	10 anos
Bizantino	Idem	12 séculos
Otomano	Idem e Balcãs	14 séculos
De Napoleão	Europa	14 anos (1801-1815)
De Hitler	Europa	5 anos (1940-1945)
Romano	Europa, Mediterrâneo—Oriente Médio	5 séculos
Austro-Húngaro	Europa Central e Balcãs	7 séculos
Alemão	Europa Central e Oriental	48 anos (1870-1918)
Coloniais (Inglaterra, França, Portugal)	Mundo	4,5 séculos
Russo (ainda persiste)	Europa e Ásia	4 séculos

manecido longamente em poder de dinastias fundadas por seus sucessores, chefes militares.

Se pensarmos em termos mundiais, num *império de valores morais*, tal, por exemplo, o configurado por nações que acreditam na Democracia e a praticam, o da Europa Ocidental ou o da América, este com os Estados Unidos e o Brasil principalmente, será o caso de se levantar os fatores que permitiram ao Império Bizantino sobreviver durante 12 séculos, muitos dos quais assediado tenazmente pelos turcos. Igualmente, porque estes impuseram e mantiveram seu império durante 14 séculos numa vastíssima área geográfica bem povoada.

Logo, parece-me muito mais objetivo estudar hoje a atuação de um Belisário ou de um Justiniano, do que nos encantarmos com a de Napoleão a perseguir o impossível,

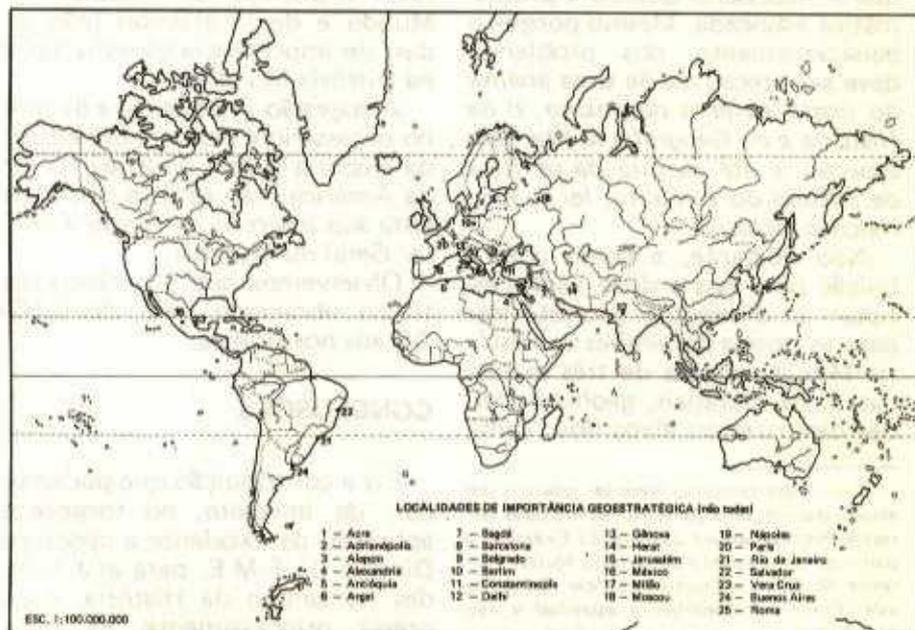
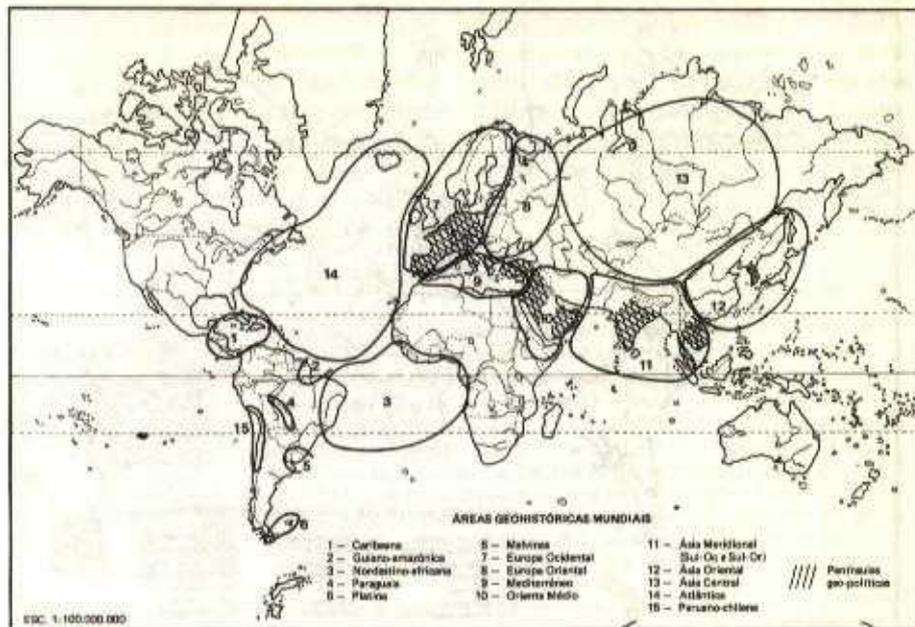
desde que o poder naval francês fora praticamente destruído por Nelson, e os objetivos da França nem sempre coincidiam com os dos povos europeus.

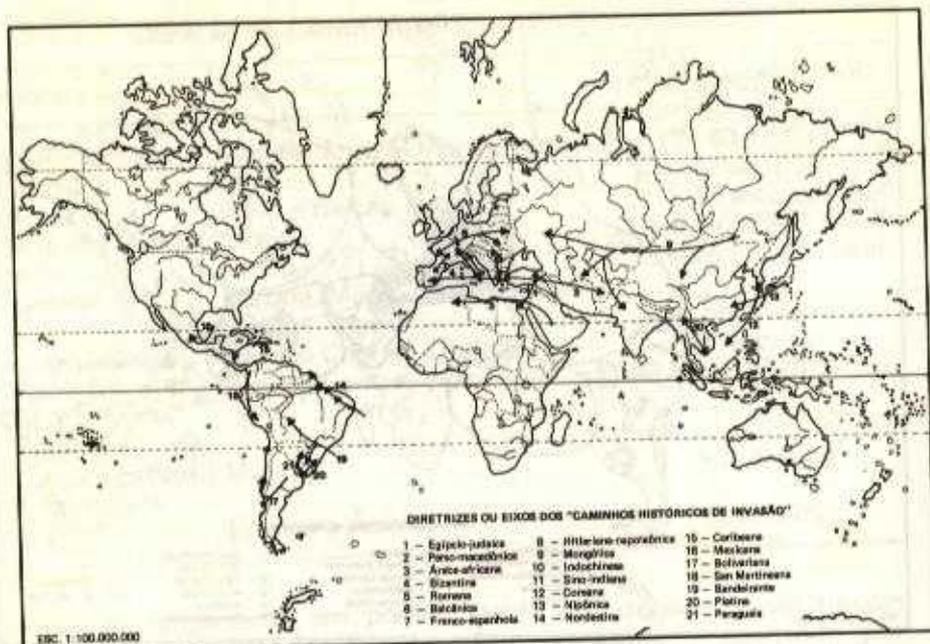
Não vai ser fácil desenvolver o esforço contido na nossa "idéia de manobra", sobretudo porque não dispomos nem de 5% da bibliografia necessária às novas e às nossas dimensões da História Militar. Para superar tal situação precisamos *estabelecer e cumprir um plano de aquisição planejada*⁶ contemplando todos os nossos órgãos de documentação.

AS DIMENSÕES GEOHISTÓRICAS

Não se pode, nos limites de um artigo de periódico, dizer tudo o

6 — Já nas cogitações da Bibliex, conforme informação do seu Diretor.





que é necessário quanto à problemática esboçada. Mesmo porque o equacionamento dos problemas deve ser precedido de uma *análise do nosso sistema de ensino, o da História e da Geografia Militar, em especial, e até mesmo da política de pessoal do Exército, lei de promoções inclusive.*⁷

Não obstante, e como contribuição para essa análise, vamos esboçar as dimensões geohistóricas para as nossas dimensões da História Militar, através de três mapas: das áreas mundiais, geohistóricas, das diretrizes ou eixos dos "cami-

nhos históricos de invasão" no Mundo e de localidades (não todas) de importância geoestratégica na História Mundial.

A sugestão imediata é a de que, no necessário e permanente estudo da História Militar do Brasil, como da América, *não se deve perder de vista sua inserção na História Militar Geral ou Mundial.*

Observemos que o período histórico abrangido vem de 3.100 AC aos nossos dias.

CONCLUSÕES

Eis a contribuição que podemos dar, de imediato, no tocante à aplicação da excelente e oportuna Diretriz do E.M.E. para as atividades no campo da História, e expressa, principalmente, na suges-

7 - Nesse contexto deve ser inserido um estudo das informações culturais militares terrestres *necessárias* aos quadros do Exército, a partir de um conceito de Cultura Militar Terrestre de apoio à Doutrina Militar Terrestre, vale dizer, como elemento *essencial* e não *acessório*.

tão de uma análise do respectivo sistema de ensino.

Quanto à documentação, impõe-se que contenha as *informações necessárias* para o apoio tanto das *novas*, quanto das *nossas dimensões* da História Militar.

Finalmente, e no que respeita ao atual ensino sistemático e so-

bretudo, ao assistemático (nas instituições culturais militares e paramilitares), que se intensifique o estudo da Geopolítica, da Geografia Militar, da Geohistória, da Geoes-tratégia e da Polemologia, sempre com atenção ao destino nacional do Brasil.



O Coronel R/1 Francisco Ruas Santos, da Arma de Infantaria, é possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição da História do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.